

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



Comunicação, Jornalismo e Espaço Público

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C741	Comunicação, jornalismo e espaço público [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-491-7 DOI 10.22533/at.ed.917192407 1. Comunicação social. 2. Democratização da mídia. 3. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu Torres. CDD 303.4833
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

A obra reúne pesquisas que contribuem para a elucidação do papel da comunicação na sociedade atual. Este e-book apresenta, inicialmente, a construção dos efeitos de sentido provocados pela notícia. O foco é voltado para a desconstrução da imagem social de outrem no sentido de negar a posição social ocupada pela vítima, diante da hierarquia estabelecida por seus respectivos papéis sociais.

Dentre os artigos, há o resgate da prática jornalística de um grupo de alunos e professores dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade de Passo Fundo no Projeto Rondon. O estudo apresenta uma discussão sobre a função social do jornalismo e traz o aprofundamento daquilo que é nomeado como jornalismo comunitário.

Nesta obra, também há o mapeamento da produção acadêmica brasileira acerca da Comunicação Pública, defendida e publicada em 2016, em nível de mestrado. O estudo toma a temática a partir de uma perspectiva mais ampla e é baseado nos documentos disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da CAPES.

Outros trabalhos avaliam os desafios do profissional de relações públicas no cenário contemporâneo. Nesse contexto, um dos estudos apresenta as contribuições desses profissionais como principais atuantes em estratégias de aproximação. A pesquisa analisa o *storytelling* como prática utilizada pelas grandes marcas para criarem vínculos com seus públicos consumidores.

Além do mais, há artigos que buscam identificar a representatividade feminina na mídia. Um deles observa a forma como as propagandas de produtos para cabelo retratam a mulher negra e a influência destes na construção da identidade. Outro, faz um comparativo entre os signos presentes nos comerciais com o objetivo de identificar as mudanças no discurso, levando-se em consideração a ascensão do empoderamento feminino ao passar do tempo.

Nesta obra, os estudos em *comunicação* social abrangem os principais campos de atuação na área. De suma importância, os artigos avaliam as principais transformações ocorridas ao longo dos anos e revelam um panorama da realidade social contemporânea.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESCORTESIA POR FUSTIGAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: EFEITOS DE SENTIDO NOS ATOS DE FALA	
Fabiana Meireles De Oliveira Rodrigo Leite Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9171924071	
CAPÍTULO 2	12
A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NEGRA NAS PROPAGANDAS DE PRODUTOS PARA CABELO	
Dandara de Fátima Arruda Regina Paulista Fernandes Reinert	
DOI 10.22533/at.ed.9171924072	
CAPÍTULO 3	26
A SUBJETIVIDADE INFANTIL REMODELADA PELAS INFLUÊNCIAS DO CONSUMO NA INTERNET	
Antonia Nirvana Gregorio Lima	
DOI 10.22533/at.ed.9171924073	
CAPÍTULO 4	37
COMUNICAÇÃO PÚBLICA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE EM NÍVEL DE MESTRADO	
Fábio Pelinson Fabiana Pelinson	
DOI 10.22533/at.ed.9171924074	
CAPÍTULO 5	49
ESTUDO COMPARATIVO: O TRATAMENTO DA CRÍTICA DE CINEMA NOS WEBSITES METACRITIC E ROTTEN TOMATOES	
Calvin da Silva Cousin Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.9171924075	
CAPÍTULO 6	62
IDEOLOGIA, PODER E RESISTÊNCIA COMO CONSTITUINTES DE UMA EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CENTRADA NA ANÁLISE DO DISCURSO	
Eduardo Cardoso Braga	
DOI 10.22533/at.ed.9171924076	
CAPÍTULO 7	74
JORNALISMO COMUNITÁRIO NO PROJETO RONDON: A PRÁTICA DE DAR VOZ À COMUNIDADE	
Caroline Maria Beccari Sônia Regina Schena Bertol	
DOI 10.22533/at.ed.9171924077	
CAPÍTULO 8	86
O EMPODERAMENTO FEMININO NAS PROPAGANDAS DA LIBRESSE: UMA ANÁLISE DE SEMIÓTICA DA TRANSFORMAÇÃO DE DISCURSO	
Bianca Zancanaro Schinaider Hilario Junior dos Santos	

Geovana Lazzarotto

DOI 10.22533/at.ed.9171924078

CAPÍTULO 9	97
O USO DO <i>STORYTELLING</i> COMO ESTRATÉGIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS NAS CAMPANHAS DE GRANDES MARCAS	
Miriam Martins Felisberto	
DOI 10.22533/at.ed.9171924079	
CAPÍTULO 10	109
ORGANIZAÇÕES AUTOPOIÉTICAS: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO	
Jóice dos Santos Bernardo	
Maria Luiza Cardinale Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.91719240710	
SOBRE A ORGANIZADORA	121
ÍNDICE REMISSIVO	122

IDEOLOGIA, PODER E RESISTÊNCIA COMO CONSTITUINTES DE UMA EPISTEMOLOGIA DA COMUNICAÇÃO CENTRADA NA ANÁLISE DO DISCURSO

Eduardo Cardoso Braga

Centro Universitário Senac – Campus Santo
Amaro São Paulo – SP

RESUMO: Investigou-se alguns conceitos-chave da Análise do Discurso como ideologia, poder e resistência para criticar algumas teorias que fundamentam a comunicação como trocas simbólicas entre sujeitos unos, soberanos e concebidos de forma essencialista, bem como reificados como substâncias. Explicitou-se algumas das concepções da Análise do Discurso, estabelecendo suas relações com a filosofia de Foucault, bem como enfatizando a importância de alguns de seus fundamentos epistemológicos para a compreensão do fenômeno comunicativo. Concluiu-se demonstrando a importância da Análise do Discurso enquanto método capaz de desvelar a ideologia e as relações de poder inerentes à circulação dos discursos. Como consequência aparece um sujeito descentrado cuja subjetividade passa a ser construída na relação com o outro e com as possibilidades discursivas de um determinado contexto. Nós não falamos a linguagem, porém somos falados por ela.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia, comunicação, subjetividade, análise do discurso, Foucault.

IDEOLOGY, POWER AND RESISTANCE AS
CONSTITUENTS OF AN EPISTEMOLOGY
OF COMMUNICATION CENTERED IN
DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT: We have investigated some key concepts of Discourse Analysis as ideology, power, and resistance to criticize some theories that ground communication as symbolic exchanges between subjects, sovereign and conceived of essentialist, as well as reified as substances. Some of the conceptions of Discourse Analysis were explained, establishing their relations to Foucault's philosophy, as well as emphasizing the importance of some of their epistemological foundations for the understanding of the communicative phenomenon. It concludes by demonstrating the importance of Discourse Analysis as a method capable of revealing the ideology and power relations inherent of the circulation of discourses. Therefore, an off-centered subject appears whose subjectivity is constructed in relation to the other and to the discursive possibilities of a given context. We do not speak the language, but we are spoken by it.

KEYWORDS: epistemology, communication, subjectivity, discourse analysis, Foucault.

1 | INTRODUÇÃO

Algumas teorias da comunicação têm como fundamento explícito ou implícito a concepção de sujeitos que realizam trocas simbólicas. Esses sujeitos são pontos de partida ou de chegada dessas trocas e têm uma dimensão substancial ou essencialista. São teorias claramente que expressam a dimensão moderna, construída entre o século XVII e XVIII, de um sujeito soberano centro dos saberes e dotado de uma liberdade essencialista e fundamental. Também é evidente que esta concepção de comunicação como trocas simbólicas é totalmente isomorfa de uma sociedade fundamentada na troca de mercadorias. Evidentemente que muitos argumentam que as trocas simbólicas comunicacionais são diferentes das trocas mercantis, na medida em que estas últimas pressupõe um ganho e uma perda e as primeiras pressupõe a possibilidade de somente ganhos. Entretanto esse argumento só é válido quando pensamos nas trocas mercantis primitivas e não nas formas do alto capitalismo, no qual o ganho simbólico, ilusório ou real, são condições para essas mesmas trocas.

Algumas teorias da comunicação em sua dimensão epistemológica estão se posicionando contrárias a essa concepção de trocas simbólicas executadas por sujeitos substanciados. Gostaríamos de apontar duas linhas importantes que procuram compreender a comunicação sob novos princípios. São elas: a concepção da comunicação como fusão, tendo como paradigma a experiência estética (PARRET, 1993) e a concepção da comunicação como produtora de subjetividade, ou seja, como construtora das identidades como diferenças. Nesse sentido, essa última concepção torna-se crítica da fundamentação da comunicação a partir de um sujeito soberano, substancial e transparente, concebido como sendo a fonte centro e destino das trocas simbólicas. O discurso é aquilo que constrói a realidade e os sujeitos, bem como suas relações. Dentre as diversas teorias que tomam o discurso como processo constituinte da comunicação, destacamos a Análise do Discurso derivada da filosofia da linguagem de Michel Foucault.

A compreensão de que os discursos são a constituinte fundamental na relação entre o sujeito e o mundo, entre os próprios sujeitos e, principalmente, na construção dessa subjetividade engendrou a criação de um campo de estudo de natureza transdisciplinar conhecido como Análise do Discurso (doravante referenciada como AD). A AD é uma abordagem relativamente recente, porém ela possui uma história cujas origens remontam ao diálogo com os conhecimentos tradicionais da teoria social e da análise linguística (BAKER and GALASINSKI, 2001; PHILLIPS and HARDY, 2002; WOOD and KROGER, 2000; ORLANDI, 2003). Existem diversas formas, linhas e perspectivas em relação à AD, mas todas as variações processuais e conceituais compartilham alguns objetivos e pressupostos comuns (WOOD and KROGER, 2000; ORLANDI, 2003). Um dos principais pressupostos compartilhados é a importância do poder na produção, circulação e interpretação dos discursos. A

AD difere de outras tradições que abordam as materialidades discursivas, tais como a semiótica discursiva (FIORIN, 2005; FONTANILLE, 2011) e a etnometodologia (GARFINKEL, 1967; BAUMAN, 1973) pelo seu interesse em enfatizar a análise do poder inerente às relações sociais e aos processos discursivos engendrados por e para essas relações. Por meio de uma abordagem linguística, a AD explora as relações entre linguagem e ideologia, investigando o modo como as teorias da realidade e das relações de poder são codificadas em aspectos como a sintaxe, o estilo e os dispositivos retóricos utilizados nos textos (LUPTON, 1992). Nesse espaço reflexivo, iremos explorar a AD derivada da filosofia de Michel Foucault procurando demonstrar como esse filósofo influenciou a AD em seus pressupostos e procedimentos, em especial, os conceitos de ideologia, poder e resistência. Analisaremos também como Foucault construiu esses conceitos por meio de um diálogo com certas tradições filosóficas. Assim, pretendemos expor alguns pressupostos epistemológicos da AD demonstrando sua posição crítica e contrária às teorias da comunicação das trocas simbólicas. Também pretendemos demonstrar as ligações entre os fundamentos da AD e algumas correntes filosóficas contemporâneas, mostrando um amplo campo crítico da noção substancial de sujeito e de qualquer pressuposto de natureza essencialista.

O discurso foi definido como um grupo de ideias ou formas de pensamento padronizadas que podem ser identificadas nas comunicações textuais (verbais e não verbais) e também podem estar localizadas em estruturas sociais mais amplas (LUPTON, 1992: 145). Para Foucault, o discurso tem pouco a ver com o ato de falar no sentido tradicional. O discurso é uma atividade, ou *performance*, derivada dos conhecimentos sociais, sendo um sistema de declarações com as quais o mundo pode ser conhecido. A principal característica deste discurso é o fato de que o mundo não é simplesmente aquilo que pode ser falado, mas sim, é através do próprio discurso que o mundo é trazido à existência. É por meio desse discurso que falantes e ouvintes chegam a uma compreensão sobre si mesmos e sua relação com o outro, bem como seu lugar no mundo (FOUCAULT, 1996). Em outras palavras, é por meio desses discursos que a subjetividade é construída. É o complexo de signos e práticas que organizam a existência social e a reprodução social. Há certas regras tácitas controladoras das declarações que podem ser ditas e que não podem ser ditas, e essas regras determinam a natureza do que é o discurso. Existe um número limitado de declarações que podem ser feitas dentro das regras do sistema, essas regras é que são investigadas por Foucault. Quais as regras que permitem que certas declarações, e não outras, podem se manifestar? Quais as regras que permitem um sistema classificatório? Quais as regras que permitem identificar certos indivíduos como autores? Essas regras dizem respeito ao sistema classificatório, a ordenação e as distribuições desses conhecimentos do mundo que o discurso nos capacita a desvelar (FOUCAULT, 2001). Um bom exemplo de um discurso é a medicina. A partir do senso comum, nós simplesmente pensamos na medicina como a cura dos

corpos doentes. Mas a medicina representa um sistema de declarações que podem ser feitas sobre o corpo, sobre a doença e sobre o mundo. As regras deste sistema determinam a forma como vemos o processo de cura, a identidade do doente e, de fato, o nosso próprio relacionamento com o mundo. Existem certos princípios de exclusão e inclusão, que operam dentro desse sistema. Algumas coisas podem ser ditas e algumas coisas não podem. O discurso é importante porque une poder e conhecimento juntos. Aqueles que têm poder controlam o que pode ser conhecido e a forma como ele é conhecido (FOUCAULT, 1987, p. 24 e ss.).

A AD fornece uma visão do funcionamento dos corpos de conhecimento em seus contextos específicos, os quais geram possibilidades interpretativas em relação aos efeitos de poder de um discurso sobre grupo de pessoas, sem reivindicações de generalização para outros contextos. A base teórica para a análise do discurso fundamenta-se em vários desenvolvimentos históricos na filosofia da ciência e na teoria social, incluindo a comunicação e a linguagem. Como uma abordagem para analisar os corpos sistemáticos do conhecimento (discursos), a AD participa de várias tradições do pensamento ocidental. Iremos analisar no âmbito deste artigo as relações com algumas dessas tradições bem como o diálogo intertextual que elas estabelecem com o desenvolvimento da AD de base foucaultiana. Os principais diálogos conceituais entre correntes filosóficas e a AD foram aquelas estabelecidas pela teoria crítica (escola de Frankfurt), as filosofias antiessencialistas, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, bem como a filosofia feminista (POWERS, 2001; NICHOLSON, 1992). Neste artigo, pretendemos focar sobre os conceitos de ideologia, poder e resistência, analisando os diálogos, em torno desses conceitos, entre Foucault, a AD e certas tradições filosóficas.

2 | IDEOLOGIA

Em torno do conceito de ideologia existem fortes diálogos conceituais entre filosofias e a AD. Os trabalhos filosóficos de Althusser, Lacan e Pêcheux serão retomados e interpretados pela AD contemporânea.

A ideologia pode ser definida como uma representação imaginária que faz a mediação entre os indivíduos e suas condições reais de existência (ALTHUSSER, 1980, p. 162). Para Althusser, como para Lacan, é impossível ter acesso às “condições reais da existência” devido à nossa dependência da linguagem. No entanto, através de uma abordagem rigorosa da sociedade, economia e história, poderemos, pelo menos em parte, compreender o modo como estamos inscritos na ideologia por processos complexos de reconhecimento (McLENNAN, 1983). Uma das consequências dessa abordagem da ideologia é considerar que os sistemas de valores se tornam escondidos e, ao mesmo tempo, operam de forma sistemática para oprimir as pessoas. A fim de criar na consciência dos homens essa visão ilusória da

realidade, transformando-a como se fosse realidade, a ideologia deve organizar-se como um sistema lógico e coerente de “representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer” (CHAUI, 1980, p. 113). A ideologia é uma interpretação (ou representação) de uma relação social que cria um significado com consequências também sociais.

Pêcheux (1990, 2010), influenciado por Althusser, compreende a linguagem em sua dimensão material simbólica, sendo uma janela para o estudo do funcionamento da produção de sentidos. Simbólico e ideologia são mutuamente relacionados por meio da materialidade da linguagem. É na relação entre ideologia e linguagem que o discurso se situa numa “eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível” (PÊCHEUX, 1990, p. 8). Portanto é na análise de discursos que a ideologia emerge e o escondido torna-se visível e conhecido (ORLANDI, 2003).

Tanto para AD, como para a filosofia de Habermas (1982), existem ideologias que se situam além do capitalismo. Elas também funcionam inconscientemente como uma ferramenta de dominação, impedindo os indivíduos de perceberem que são vítimas da exploração em várias dimensões de suas existências. Os teóricos críticos afirmam que, quando as pessoas tomam conhecimentos dessas interpretações e desconstroem suas naturalizações podem reconhecer as consequências opressivas da ideologia e dar novos sentidos a elas em sua realidade social.

De acordo com a teoria marxista ortodoxa, a ideologia do capitalismo produz uma falsa consciência na classe trabalhadora, uma ilusão de que o trabalho dos indivíduos resulta em ganho pessoal. A teoria marxista fornece a interpretação alternativa para essa classe, a qual demonstra que o trabalho funciona exatamente ao contrário, ou seja, para reproduzir as condições e as relações de produção para benefício, não da classe trabalhadora, mas da classe proprietária. Quando a classe trabalhadora não toma consciência desse fato, segundo a teoria marxista tradicional, ela desenvolve uma “falsa consciência”. Assim, se assume que existe uma consciência verdadeira, na qual as relações de dominação são reveladas. Como consequência, temos a concepção que não é possível interpretações outras das condições de existência sob o capitalismo que favoreçam a classe trabalhadora, ou as pessoas em condições de algum tipo de opressão.

Os autores da Escola de Frankfurt, por outro lado, argumentaram que não é necessário assumir a existência de uma única e verdadeira interpretação das condições de existência como forma de conscientização de que as pessoas estão sendo enganadas. Não é necessário assumir que há algum significado ou interpretação verdadeiramente oculta e profunda dentro de um discurso cuja revelação desqualifique outros discursos como “falsa consciência” (DREYFUS and RABINOW, 1983). Ao contrário, os filósofos de Frankfurt argumentam que as pessoas podem

ser iludidas por uma interpretação da realidade, apenas para se convencer de suas ilusões. Por exemplo é o que acontece na cultura de massa, na qual, “seu caráter ideológico consiste na colocação da existência do mundo como seu sentido. Em termos gerais, o prazer que os consumidores experimentam nessas obras é o de saberem que o mundo é tal como eles pensam que é” (FREITAS, 2004, p. 195). As pessoas também podem preferir uma determinada interpretação na medida em que ela for mais explicativa em contextos específicos. A interpretação pode não ser mais verdadeira em algum sentido objetivo, mas pode ser mais preferível. Além disso, pode haver muitas interpretações concorrentes. As tradições de investigação como a AD, o feminismo, a etnografia interpretativa e a hermenêutica crítica compartilham essa visão das interpretações preferíveis com os teóricos da Escola de Frankfurt (DENZIN, 1997).

A dimensão da escolha dos discursos em função do preferível e não segundo à verdade ou espelho do real conduz a AD na direção de uma crítica aos postulados das filosofias essencialistas.

3 | A QUESTÃO DO PODER E SUAS RESISTÊNCIAS

A noção de poder, também denominada biopoder, é a noção mais importante no trabalho de Foucault porque constitui um conceito fundamental para a análise do discurso. Na obra de Foucault, uma clara e excelente exposição da noção de poder é encontrada em **A História da Sexualidade**: a vontade de saber, volume 1 (1977). Segundo esta exposição, podemos extrair cinco características fundamentais do poder.

Primeira característica, o poder deve ser entendido como uma rede de forças interativas, relacionais, auto-organizadas e orientadas para atingir objetivos. O poder cria tensões entre e dentro dos indivíduos e grupos. O poder não é compreendido como um fenômeno singular, unidirecional e reificado com instâncias identificáveis. Também não pode ser entendido como estratégias conscientemente usadas por algumas pessoas sobre outras pessoas. O poder, segundo Foucault, é como uma rede de relações mutantes, influenciadas pela micropolítica em vez da força física bruta (FOUCAULT, 1979).

Segunda característica, o poder é um processo que opera em contínuas lutas e confrontos que mudam, fortalecem ou alteram uma polaridade das relações de força entre poder e resistência. Isso significa que o poder é descrito como um processo relacional que é incorporado em situações contextuais específicas e é parcialmente identificável através de seus efeitos ideológicos sobre a vida das pessoas.

Terceira característica, o poder é o suporte que as relações de força ou as tensões encontram um no outro, formando uma teia ou sistema de influências interagindo mutuamente. Por exemplo, a dominação do patriarcado é parcialmente sustentada pela definição de mulheres como não-homens. Em outras palavras, cada

um é necessário para o outro e cada um é definido em termos do outro. Os conceitos constituem e são constituídos um pelo outro (binarismo).

Quarta característica, o poder é a tensão das relações inerentemente contraditórias entre poder e resistência. Em outras palavras, o poder pode ser parcialmente descrito pelas metas e objetivos conflitantes de poder e resistência. Essa tensão só pode ser descrita em termos específicos em relação às pessoas que são os seus atores, e não em termos gerais que se aplicam a outros tempos e lugares. A tensão entre poder e resistência deve ser analisada levando-se em conta o tempo, espaço e atores específicos envolvidos na relação.

Quinta característica, o poder é conhecido pelas estratégias e práticas nas quais as relações de força produzem efeito. Um exemplo de estratégias e práticas é o processo de marginalização. A marginalização é o processo pelo qual os discursos não dominantes não são eliminados, mas tolerados como posições de oposição alternativas de resistência que fornecem o alvo e, portanto, a tensão para sustentar o discurso dominante. Este processo é necessário porque a força e a resistência são definidas uma em relação à outra (FOUCAULT, 2001). As manifestações institucionais dessas estratégias e práticas de poder podem ser encontradas na burocracia, no direito e em vários discursos sociais hegemônicos, como ciência, medicina e educação.

Além dessas cinco características afirmativas do que é o poder, podemos, para melhor defini-lo, acrescentar quatro características negativas, aquilo que o poder não é.

O poder não é um grupo de instituições, nem uma estrutura, nem um conjunto de mecanismos que assegurem a subserviência dos cidadãos ou das pessoas. O poder não é um modo de subjugação que funciona pelo uso da violência, mesmo velada. Em vez disso, o poder funciona através de estratégias e práticas sem direção consciente. Aqui Foucault procura distinguir sua noção de poder da noção jurídico-discursiva de poder prevalecente na filosofia ocidental, a qual é baseada na noção de uma pessoa democraticamente definida com direitos humanos básicos em uma relação de sujeito-soberano (FOUCAULT, 2003; 2008).

O poder não é uma força física essencialista de que somos dotados. O poder não significa um sistema geral de dominação por um grupo em relação ao outro. Na verdade, Foucault enfatiza que situações de dominação são incorporadas tanto nos dominadores quanto nos oprimidos. Essas instâncias individuais de poder, geralmente chamadas de dominação ou opressão, são efeitos, ou formas terminais de poder (FOUCAULT, 1979; 2003).

O poder não é uma restrição negativa à verdade ou aos direitos de indivíduos ou grupos, como geralmente é conceituado na visão jurídico-discursiva. Em vez disso, o poder é a força produtiva de discursos verdadeiros, dos direitos e da conceituação dos indivíduos, através dos processos, ou práticas discursivas das ciências humanas e de outros discursos importantes como ciências sociais, burocracia, medicina, direito

e educação. Na visão jurídico-discursiva, todo o poder recai sobre o uso ou a ameaça da violência. Nesta visão, a não-violência não pode ser considerada poderosa porque é definida em termos de oposição; seria um contra-poder (FOUCAULT, 1996, 2003). Pelo contrário, a análise de Foucault (2003) mostra que a não-violência é uma força tão produtiva de poder quanto a violência. A educação, por exemplo, é o exemplo de uma instância do poder que se manifesta como não-violência. Ela é mesmo conceituada como contrária à violência. No entanto, boa parte da educação pode ser compreendida como simples reprodução do sistema de poder vigente, como o espaço de gerenciamento e produção dos saberes, os quais seriam aplicados para melhorar e aprimorar as formas de controle (FOUCAULT, 1987).

Não existe um ponto central do qual todo o poder emana. Em vez disso, o poder consiste em uma rede contínua ou grade de posições individuais, na qual existem tensões entre poder e resistência. Devido à desigualdade da tensão, os estados locais e instáveis de poder e resistência são constantemente criados, dissolvidos, invertidos e reorganizados. O poder é onipresente, não porque consolida tudo como resultado de uma fonte unificada. É onipresente porque é produzido continuamente em todas as relações de um momento para o outro, em uma situação para a próxima, entre pessoas em situações específicas.

O poder tem uma existência estratégica complexa e diferente, dependente de contextos específicos. Esta existência estratégica pode ser analisada em seus efeitos locais sem necessidade de concepções e aplicações universais. Em vez disso, a estratégia local é descrita em termos dos efeitos locais de dominação nos indivíduos e grupos envolvidos. Por exemplo, a existência de poder em um caso individual de relações de gênero (ou seja, um casamento heterossexual) pode ser analisada em termos dos limites que são colocados nas ações de um ou ambos os participantes (BUTLER, 1998).

Foucault às vezes se refere ao poder como poder-conhecimento, porque o poder se manifesta na forma de discursos que criam o mundo e a verdade, porém são questionados por contra-discursos ou resistências, numa luta discursiva pela verdade ou sua desconstrução. O discurso pode, portanto, ser tanto um instrumento como um efeito de poder e resistência. Ele transmite e produz poder, mas também pode prejudicá-lo e expô-lo. Da mesma forma, as posições de silêncio podem produzir energia, mas também podem afrouxar o poder e fornecer áreas obscuras de tolerância à resistência. O nível mais importante de análise para as relações de poder é o nível de micropráticas ou micropolíticas, as atividades cotidianas da vida, as lutas singulares como feministas, lésbicas, *Queer* ou lutas de etnias e culturas.

Assim, a resistência pode desempenhar o papel de adversário, alvo ou apoio ao poder. O poder e a resistência constituem e são constituídos um pelo outro. Cada um deles é definido por referência ao outro. Poder e resistência são encontrados juntos em todos os pontos da rede de relações de poder. A diversidade de resistências é equivalente a diversidade das formas de poder e essas relações estão presentes e

são sustentadas pelas formas de discursos.

A resistência ao poder já assumiu formas envolventes e de grande alcance como nas grandes rebeliões. Também se manifestou na forma de rupturas radicais como no Movimento dos Direitos Civis nos EUA da década de 60, ou na luta democrática nos países latino-americanos nas décadas de 60, 70 e 80. Porém a resistência também se manifesta em circunstâncias muito específicas e no micro ou molar, como em um local de trabalho, uma prisão ou escola específicas. A resistência funciona contra o poder e pode mudar as tensões e criar novas alianças e fraturas. A resistência também pode ser cooptada, ou absorvida, em qualquer relação de força. A cooptação da resistência resulta no aumento de potência do poder e na redução de força da resistência. Essa concepção foucaultiana do poder como um campo de forças, sem dúvida, é derivada de uma interpretação de Nietzsche e sua teoria das forças. É de Nietzsche também a noção de um poder que se manifesta na espessura do sentido construído em tensão ao longo de uma história. Trata-se do conceito de genealogia de Nietzsche, a qual desvela o modo como o poder usa a ilusão de significado para se aprofundar (DREYFUS and RABINOW 1983: xxvii). O trabalho de Nietzsche demonstrou como o poder cria a ilusão do significado para suportar estratégias de controle sem a necessidade de um apelo à noção de conspiração organizada.

Como consequência das noções de poder e resistência, podemos ver que o raciocínio técnico, instrumental, focado nos meios e não nos fins foi elevado ao nível de princípio social. As ideias radicais que defendem a resistência ao gerenciamento científico da vida cotidiana passam a ser considerados como ilógicos, irracionais, sem sentido, desordenados e anticivilizatório. Como consequência, para as práticas discursivas do poder, rejeitar a ciência é rejeitar a racionalidade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica ao essencialismo e a valorização do híbrido tornam-se uma postura comum na AD, no pensamento de Michel Foucault e em várias correntes filosóficas contemporâneas. Essa crítica conduz a pensar o poder na chave da crítica ao binarismo da metafísica ocidental, ao posicionar poder e resistência como interdependentes e criadores de uma multidão de efeitos conforme suas forças e posições nas situações contextuais sociais, históricas e locais. O poder e o discurso guardam uma relação de profunda comunhão pois suas respectivas forças de verdade-saber são dependentes. O poder produz discursos, os quais alimentam suas próprias forças e transmitem a força de verdade para esses mesmos discursos. Poder e discurso alimentam-se respectivamente.

As múltiplas variantes metodológicas da AD baseiam-se em certos princípios conceituais, presentes na filosofia de Foucault e de outras correntes filosóficas contemporâneas. Entre os mais importantes conceitos estão o de poder, de resistência ao poder, de ideologia e de crítica ao essencialismo. Os pesquisadores

e aplicadores dos princípios e das práticas da AD devem ter esses fundamentos conceituais no horizonte, porque na AD, como em muitos outros métodos qualitativos, o pesquisador e sua posição são partes essenciais da interpretação dos discursos. A AD de influência foucaultiana pode ser usada para explorar as relações de poder e os efeitos de poder inerentes aos discursos dentro das disciplinas, nos campos de estudos, na arte e nos discursos expressivos, na cultura popular e na fala do cotidiano. Os analistas do discurso precisam estar cientes das conceituações de poder e resistência, da crítica ao essencialismo e valorização do híbrido. Essa consciência lhes permitirá reconhecer no discurso sua materialização e operacionalização.

O método, ou princípios, de análise do discurso é aplicável a muitas situações, inclusive no cotidiano. Uma maior conscientização e compreensão do poder e da opressão nos discursos pode resultar no desvelamento desse poder e na criação de uma sociedade intercultural e transcultural na qual novas formas de vida podem surgir com plena liberdade e exuberância, sem sofrer discriminações. A AD permanece um importante campo de estudo que partilha com várias correntes filosóficas contemporâneas o desejo de desnudar o poder para melhor lhe compreender e talvez o superar enquanto força que constrói a subjetividade em todas as dimensões sociais e existenciais humanas.

A compreensão da Análise do Discurso da formação, constituição e circulação dos discursos e seus efeitos na construção da subjetividade, descentraliza os sujeitos reificados como fundamento das concepções de comunicação que enfatizam as “trocas simbólicas”. Na análise do discurso o sujeito é descentrado, constituindo-se como consequência das mediações e da circulação dos discursos fundados na ideologia e na luta entre reprodução do poder e resistência a esse poder. Toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Como categoria constitutiva da ideologia, será somente por meio do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível. Entretanto esses sujeitos não são concebidos como essências reificadas e portadores de uma substância, mas como entidades que são constituídas exatamente pelo discurso. O sujeito assim torna-se uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes figuras, conforme a interpretação dos enunciados discursivos. Trata-se de uma concepção de sujeito que rejeita qualquer fundamento unificante e essencialista, questiona-se as concepções, muito presentes em certas teorias da comunicação, do sujeito enquanto ser único, central, que é a origem e o destino do sentido. Não temos mais uma fundamentação da subjetividade centrada numa transcendência do ego, mas como produto constituído pelas possibilidades discursivas de um determinado contexto. Como consequência, a linguagem não é mais algo transparente produzido por um sujeito uno, homogêneo e soberano. Trata-se de conceber a comunicação como construção de sujeitos constituídos pelos outros e pelos discursos que engendram suas identidades e diferenças. Por fim, uma das maiores possibilidades da AD é permitir a visibilidade da diferença, principalmente aquelas pequenas diferenças,

moleculares, às quais engendram uma resistência à normatividade e às concepções de universais (identidades fixas) como únicos portadores da verdade.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BAKER, C. and GALASINSKI, D. **Cultural Studies and Discourse Analysis**. London: Sage, 2001.
- BAUMAN, Z. "On the philosophical status of ethnomethodology". **The Sociological Review**, v. 21, n. 1, p. 5- 23, 1973.
- BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do 'pós-modernismo'". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- DENZIN, N. K. **Interpretive Ethnography: Ethnographic Practices of the 21st Century**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.
- DREYFUS, H. and RABINOW, P. **Michel Foucault, Beyond Structuralism and Hermeneutics**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977. v. 1.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.
- FOUCAULT, M. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREITAS, Verlaïne. Teoria crítica da indústria cultural. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 45, n. 109, p. 191-198, June 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2004000100010&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Nov. 2017.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice Hall, 1967.
- HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Trad. José N. Heck, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Porto Alegre, DP&A Editora, 2006.
- McLENNAN, G. et al. "A teoria de Althusser sobre ideologia". In: **Centre for Contemporary Cultural Studies**, Universidade de Birmingham (org.), **Da ideologia**. Trad. R. Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, pp. 101-37.
- NICHOLSON, L. **On the postmodern barricades: Feminism, politics, and theory**. In: S. SEIDMAN, S. and WAGNER, D. G. (eds.) *Postmodernism and Social Theory*. Oxford: Basil Blackwell. Google Scholar. Phillips, A. 1992.
- NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Cia Das Letras, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PARRET, H. **The Aesthetics of Communication: Pragmatics and Beyond**. Berlin/Heidelberg: Springer, 1993.
- PÊCHEUX, M. "Delimitações, Inversões, Deslocamentos". In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n.19. Campinas: Unicamp.1990, pp. 7-24.
- PÊCHEUX, M. "Análise Automática do Discurso" (AAD-1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. pp. 59-158.
- PHILLIPS, N. and HARDY, C. **Discourse Analysis: Investigating Processes of Social Construction**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2002.
- PHILLIPS, L. and JORGENSEN, W. **Discourse Analysis as Theory and Method**. London: Sage, 2002.
- POWERS, Penny. **The Methodology of Discourse Analysis**. New York: Jones and Bartlett, 2001.
- WOOD, L.A. and KROGER, R.O. **Doing Discourse Analysis**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Comunicação 3, 4, 24, 26, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 60, 74, 82, 83, 84, 85, 108, 109, 119, 121

Comunicação pública 37, 40, 41, 47, 48

Consumo 26, 35, 36

E

Empoderamento feminino 86

I

Identidade 12, 24, 73

Ideologia 11, 72

Internet 26

J

Jornalismo 3, 4, 26, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 74, 75, 77, 84, 85, 121

Jornalismo comunitário 74, 77, 85

Jornalismo cultural 60

M

Mestrado 37, 39, 40, 42, 43, 47, 48, 109

Mulher 5, 12, 15, 18, 24

P

Produção científica 37

Publicidade 4, 12, 36, 74, 96

R

Relações públicas 107, 108, 110, 119, 120

S

Storytelling 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-491-7

